

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: COOPERANDO E DANÇANDO DE MÃOS DADAS, BUSCANDO A INCLUSÃO ESCOLAR

*Pedagogical practices in physical education: cooperating and
dancing hand in hand, seeking the school inclusion*

Vinicius Carlos de Oliveira¹
Julianne Fischer²

Recebido em: 15 dez. 2015

Aceito em: 05 fev. 2016

RESUMO

Objetivo: avaliar, por meio dos dizeres dos alunos com e sem deficiência intelectual do 6º ano e a Professora de apoio, se prática pedagógica (jogos cooperativos e danças circulares) vivenciada nas aulas de Educação Física possibilita amizade e inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual. *Metodologia:* pesquisa de caráter qualitativo - foram selecionados 19 sujeitos, sendo 18 alunos e 1 (uma) professora de apoio, de um 6º ano de uma escola da rede estadual de Indaial-SC; instrumentos utilizados para coleta de dados: entrevista semiestruturada e entrevista focal. *Conclusão:* por meio da pedagogia da cooperação, pudemos abrir os olhos dos nossos alunos para questões de companheirismo, ajuda mútua, socialização, reconhecer-se perante o grupo, como também ideais de cooperativismo e de inclusão. Quanto às danças circulares, estas tiveram como objetivos unir a turma, o que consideramos que foi atingido, pois, segundo os alunos, nessas danças todos dançam

1 Mestre em Educação – FURB. Especialista em Fisiologia do Exercício e prescrição de atividade física - UGF. Professor assistente do Departamento de Educação Física do Unipê-PB. E-mail: v9pb@hotmail.com.

2 Pedagoga pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB (1985), Mestre em Educação pela FURB (1995) e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). É professora de graduação e pós-graduação desde 1990, atuando em Programas de Mestrados acadêmico e profissional na área de Educação. Desde janeiro de 2015 atua como professora e pesquisadora na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP) junto ao curso de Pedagogia com a disciplina de Alfabetização e Letramento. E-mail: juliannefischer@me.com.

com todos. Entendemos que a atividade possibilitou a afetividade, trabalho em grupo e a amizade. A dança circular foi uma prática pedagógica que contribuiu com a possibilidade da inclusão escolar dos alunos com deficiência intelectual e dos demais alunos; ajudou na socialização de quem era antissocial, na autoestima, na confiança entre os alunos e pôs um fim no medo de se relacionar com outras pessoas, dando abertura para a formação de amizades e a inclusão dos participantes.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Práticas pedagógicas. Educação Física.

ABSTRACT

Objective: to evaluate, through the reports of students with and without intellectual disabilities in the 6th grade and teacher support, if pedagogical practice (circular cooperative games and dances) lived in Physical Education classes allow friendship and the inclusion of the students with intellectual disabilities. *Methodology:* qualitative research study, in which we selected 19 subjects, 18 students and one teacher support, a 6th year of a state school located in Indaial-SC; the tools used for data collection were semi-structured interviews and focus interview. *Conclusion:* through the pedagogy of cooperation, it was possible to “open the eyes” of the students to issues like fellowship, mutual help, socialization, recognition by the group, as well as ideals of cooperativism and inclusion. As for the circular dances, the objectives were to join the class, and the objective was reached because, according to the students, while dancing, everyone dances with everyone and it was possible to develop affectivity, teamwork and friendship among all the students. The circular dance was a pedagogical practice that contributed to the possibility of school inclusion of students with intellectual disabilities and the other students; it helped the socialization of the antisocial, shy, self-esteem, confidence among all the students and ended with the fear of relating with other people, thus giving room for the formation of friendships and inclusion of everyone.

Keywords: School Inclusion. Pedagogical practices. Physical Education.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo tem sido discutido o processo de inclusão no Brasil. No entanto, este ainda é um tema bastante controverso. Infelizmente, ainda são inúmeras as escolas brasileiras nas quais não existem condições favoráveis para oferecer educação de qualidade a seu público, e, quando entram em cena diversidades relacionadas a alunos que possuem deficiências, síndromes ou transtornos globais do desenvolvimento, os desafios tornam-se ainda maiores e os ideais da educação ficam mais distantes, fazendo com que a escola não cumpra o seu objetivo de possibilitar que seus alunos participem das diferentes práticas sociais de maneira ética, crítica e democrática.

Mittler (2003) argumenta que, para que o objetivo da inclusão escolar aconteça de forma eficiente, deve haver um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, considerando desde a estrutura física à qualificação profissional, a fim de assegurar que os alunos possam ter um ensino de qualidade, visando à inclusão de todos no ensino regular. Reforçando tal ideia, Mittler (2003) e Ropoli et al (2010) enfatizam que, para a escola comum passar a ser inclusiva, deverá adequar suas práticas pedagógicas em todo âmbito escolar, sem diferenciação de alunos, buscando a participação e aprendizado de todos. No entanto, o que se observa é que esta adequação, na prática, não tem sido tão simples quanto parece, pois as transformações devem ir além da escola e da sala de aula.

Há ainda de se considerar que, como afirma Ropoli et al (2010), na busca de uma escola inclusiva, o trabalho deve partir de todos, promovendo a cooperação mútua entre professores, gestores, pais, alunos e outros profissionais que fazem parte o sistema educacional, e que a escola deve ser um espaço para todos, no qual se aprende de acordo com a capacidade individual de cada um. Nesta direção, defende-se aqui que a escola tem a participação direta no ensino e na formação de cidadãos, considerando o direito de todos os sujeitos receberem educação de qualidade, independentemente de suas características biológicas e individuais. E este tem sido o grande desafio da inclusão escolar: inserir todos os alunos, sem qualquer distinção de raça, cor, religião, deficiência e limitações (ROPOLI et al, 2010).

No entanto, é inegável que ainda existe uma grande distância entre o ideal e o real quando se trata de inclusão na realidade das escolas brasileiras. Atualmente, após diversas propostas de oferecer educação às crianças com necessidades educacionais especiais (passando pela criação de escolas e classes especiais, sala de recursos e centro de atendimentos especializados), na tentativa de incluir estas crianças e suas diferenças, a rede pública de ensino deve matricular estes alunos em salas de aulas comuns do ensino regular e oferecer os atendimentos especializados complementares que forem necessários a cada uma delas.

Contudo, não se pode esquecer que como atenta Carmo (2002), a respeito da história percorrida pela Educação Física no Brasil, as discussões a respeito da inclusão escolar ainda podem ser consideradas recentes, as práticas de Educação Física Escolar destinam-se a alunos que não apresentem diagnósticos ou diferenças orgânicas significativas. Apenas há duas décadas houve o aumento das discussões a respeito as mais diversas formas de esportes adaptados. No entanto, a disciplina Educação Física, como qualquer outra, apresenta problemas de diferentes ordens e formas no atendimento às pessoas com deficiências, síndromes ou transtornos globais do desenvolvimento, o que justifica a necessidade de reflexão e reformulação também na área de Educação Física Escolar.

Atualmente, a Educação Física vem trabalhando com pessoas com deficiência, desenvolvendo diferentes atividades em diferentes lugares, tais como escolas, clubes, academias de ginástica, entre outros. Isso ocorre porque o conhecimento da Educação Física é edificado com base nas ciências da saúde, de corpo e mente, sem levar em conta a diversidade de raça, cor, sexo, habilidades, capacidades, limites e possibilidades do ser humano. A simplicidade, utilizada pelos professores de Educação Física, tem se refletido nas suas práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas com as pessoas com deficiência. Os profissionais têm preferido fazer adaptações e improvisações nos conhecimentos existentes a gerar novos conhecimentos e atividades motoras adequadas e dirigidas aos alunos (CARMO, 2002).

Distanciando-se desta realidade, e na busca de gerar conhecimentos, pretende-se aqui discutir a respeito de conteúdos

da Educação Física que possibilitem a participação de todos os alunos, sem que haja exclusão ou segregação nas atividades. Nesse viés, concordamos com Soler (2011) ao considerar o jogo como um fenômeno cultural que proporciona aprendizado motor, cognitivo, que pode modificar o comportamento e evitar que questões sociais possam se tornar problemas reais no futuro. No entanto, há de ser considerado que determinados tipos de jogos, por seu caráter e objetivo, podem não representar a melhor prática pedagógica quando consideramos também o objetivo e a realidade da inclusão nas escolas brasileiras. Por estes motivos, acreditamos que os jogos cooperativos, entendidos aqui como um processo de interação social e de ajuda mútua, no qual os objetivos são comuns a todos os participantes, as ações são compartilhadas e os benefícios a resolução de problemas são distribuídos a todos, como uma estratégia viável e eficaz para a prática da Educação Física escolar.

Da mesma forma, as danças circulares sagradas, com objetivos similares aos jogos cooperativos, já que têm por intuito de unir as pessoas com o objetivo comum, também se caracterizam como uma prática pedagógica inclusiva. Nas danças circulares os participantes dependem uns dos outros, visando que todos os envolvidos participem de forma ativa na atividade; dessa forma todo o grupo ganha. Além disso, é preciso considerar ainda que, como sugere Barreto (2000), a prática dessas danças traz vários benefícios tais como leveza, alegria, paz, serenidade, o trabalho em grupo, mas mantendo a individualidade, disciplina, ainda desenvolve o apoio mútuo, a integração, a cooperação, e manifesta a consciência do grupo e a de si mesmo.

Diante do exposto, considerando a escassez de estudos e na intenção de gerar novos conhecimentos no que se refere a práticas pedagógicas de Educação Física Escolar, no intuito de possibilitar a inclusão escolar de pessoas com deficiência intelectual, esta pesquisa propõe avaliar, por meio dos discursos dos alunos com e sem deficiência intelectual do 6º ano e a professora de apoio, se as práticas pedagógicas – jogos cooperativos e danças circulares – vivenciadas nas aulas de Educação Física, possibilitam inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual.

MÉTODO

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, que, conforme Esteban (2010, p. 130), “[...] abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetos de compreensão dos fenômenos sócio-educativos e transformação da realidade”.

O CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo foi realizado em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, localizada no município de Indaial, na qual um dos pesquisadores atuava como professor de educação física para as turmas do ensino fundamental. Durante a realização destas aulas, como prevê a Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina, já mencionada anteriormente, havia a presença de uma professora de apoio na turma do 6º ano, já que na mesma estavam matriculados 18 alunos, sendo que dois deles tinham diagnóstico de deficiência intelectual. Também por este motivo esta turma foi escolhida como referência para a atual pesquisa.

É importante salientar que a participação da professora de apoio durante essas aulas era opcional, e, quando ocorria, a mesma era considerada mais uma participante da atividade, sem que tivesse qualquer responsabilidade na realização da atividade pelos alunos com deficiência intelectual. Dessa forma, ficava a cargo do professor regente – e pesquisador – o planejamento e execução das atividades que foram realizadas durante o período que compreendeu este estudo. As aulas com esta turma aconteciam três vezes por semana, como duração média de 45 minutos cada.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com base nas práticas sugeridas e expostas acima, foram utilizadas, com procedimento de coleta de dados, entrevistas com todos os sujeitos inseridos no 6º ano na referida escola. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os 18 alunos matriculados (incluindo os alunos com deficiência intelectual) no 6º ano do Ensino Fundamental,

sendo oito meninos e dez meninas bem como com a professora de apoio que acompanhava a turma.

Para fins didáticos, na análise dos dados desta pesquisa, os sujeitos foram assim representados:

Quadro 1 – Siglas de identificação dos sujeitos

Sujeitos	Siglas de identificação
Professora de apoio	SP
Alunos do 6º ano com deficiência intelectual	AL1 e AL2
Alunos do 6º ano sem deficiência intelectual	AL3... AL18

Para a realização das entrevistas, foram elaborados tópicos guias que serviram como roteiro. Bauer e Gaskell (2002) explicam que o Tópico Guia é constituído por títulos de parágrafo que atuam como um guia ou roteiro que o entrevistador segue para auxiliá-lo na entrevista.

As entrevistas realizadas com os alunos que possuem deficiência intelectual basearam-se no (Tópico I) e foram realizadas de forma individual. Com a professora de apoio, a entrevista teve também teve carácter individual e se baseou no Tópico II. Por fim, foram realizadas entrevistas coletivas, por meio da técnica de grupo focal, com os alunos sem deficiência intelectual, tomando por base o Tópico III.

É importante esclarecer que, para a realização de tais entrevistas os 16 alunos que não possuíam diagnóstico de deficiência intelectual, foram divididos em dois grupos, com o mesmo número de componentes. As reuniões foram realizadas na biblioteca da escola, em sequência, em horário previamente combinado, durante as aulas de Educação Física. Os alunos foram dispostos em círculo e o professor/pesquisador assumiu o papel de moderador, utilizando o Tópico-Guia III - comentem sobre a prática pedagógica vivenciada nas aulas de Educação Física.

Na sequência, realizamos a entrevista individual, com base no Tópico-Guia I, que tinha como pontos a serem abordados: 1. Fale sobre as aulas de Educação Física, e 2. Comente o que você vivenciou nas aulas de Educação Física.

No dia seguinte, foi realizada também no horário das aulas de Educação Física, na biblioteca da escola, a entrevista com a Professora

de Apoio dos alunos com deficiência intelectual com base no Tópico-Guia II, que continha os seguintes questionamentos: 1. Explícite sua concepção de inclusão escolar, e 2. Comente sobre a prática pedagógica vivenciada nas aulas de Educação Física.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes, que assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual foram informados a respeito dos objetivos e riscos da pesquisa, bem como assegurados a respeito da garantia do sigilo e da privacidade por ocasião da publicação da investigação.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas e analisadas. Como enfatizam Bogdan e Biklen (1994), é importante que nessa etapa, na medida em que o pesquisador lê os dados, destaque palavras e frases que se repetem, um padrão de comportamento e formas dos sujeitos pensarem, para, assim, criar uma forma de codificação de dados.

Para Bauer e Gaskell (2002, p. 85), a análise tem o objetivo de procurar sentidos e compreensões, sendo que “o que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente. A procura é por temas com conteúdo em comum”. Assim, chegamos à categoria prática pedagógica (jogos cooperativos e danças circulares), vivenciada nas aulas de Educação Física.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os objetivos e as propostas educacionais relacionadas à Educação Física ao longo dos anos foram se modificando, sendo que muitas tendências, de algum modo, sempre e/ou ainda influenciam as práticas pedagógicas da disciplina Educação Física Escolar. Nessa disciplina, como em todas as outras, não se deve pensar numa única maneira de ensinar, pois o currículo escolar pode ser mudado de acordo com as exigências do alunado – quando for o caso da presença de alunos com necessidades educacionais especiais, por exemplo – conforme assegura a Lei nº 9.394/96, em seu art. 59, inciso I, ao afirmar que o sistema de ensino assegurará aos portadores de necessidades especiais “I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades [...]” (BRASIL, 1996).

Buscando, portanto, uma forma de realizar aulas de Educação Física para uma turma do 6º ano do ensino fundamental na qual estavam matriculados dois alunos com Deficiência Intelectual, de maneira que os mesmos, assim como os demais alunos pudessem participar efetivamente das aulas, optou-se pela escolha de práticas pedagógicas que pudessem dar conta do desafio da inclusão. Assim, em tais aulas foram realizados jogos cooperativos, os quais, de acordo com Brotto (2001), são jogos alternativos em que os participantes jogam entre si, e não contra um adversário. Jogam para superar desafios, pelo gostar do jogo e pelo prazer de jogar. Os jogos cooperativos têm o intuito de estimular o compartilhamento, unir, de eliminar o medo do fracasso, o que reforça a confiança em si mesmo e nos outros.

É importante lembrar que os alunos da turma em questão já tinham noção das práticas e objetivos dos jogos cooperativos, pois que na escola funcionava um projeto que tinha como principal motivo trabalhar a cooperação entre os estudantes, como já explicado anteriormente. Portanto, ao serem indagados a respeito das práticas pedagógicas vivenciadas nas aulas de Educação Física, os mesmos souberam diferenciar e opinar a respeito de tais práticas. Dessa forma, no que se refere às aulas voltadas ao ensino da Educação Física por meio dos jogos cooperativos, os alunos produziram os seguintes discursos:

A gente quer ir lá fora jogar, mas aí tem uma atividade a gente fica entretido com ela acha divertido (AL7).

Acho legal, muito bom, pois faço mais amigos (AL11).

Achei muito legal para meu desenvolvimento (AL12).

Estávamos precisando de coisas diferentes (AL6).

Tais falas, obtidas durante a entrevista coletiva baseada no tópico guia III, sugerem que há uma receptividade dos alunos para as atividades com os jogos cooperativos. Pode-se inferir, por meio dessas manifestações, bem como das experiências vivenciadas durante a prática dos jogos cooperativos, que os mesmos contribuíram para o desenvolvimento moral, social e afetivo da turma, como também constituíram atividades diferenciadas e motivacionais para os alunos, corroborando os objetivos desse tipo de jogo. A este respeito, Brotto (2001) explica que, na pedagogia da cooperação, quando o professor propõe uma dinâmica em grupo ou jogos cooperativos, precisa pensar

em atividades que sejam divertidas e estimulantes a fim de proporcionar o desenvolvimento moral e social do aluno. Ainda em consonância com Brotto (2001), o que se pretende ao propor jogos cooperativos é incentivar o desenvolvimento do aluno no aspecto socioeducacional de cooperação juntamente com a solidariedade. Tais aspectos são fundamentais para que a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais seja realizada com sucesso. Entender as diferenças e conviver com elas proporciona experiências significativas que certamente contribuirão para o desenvolvimento desses sujeitos.

Além disto, há de ser considerar que o jogo cooperativo vai além do simples ato de jogar. Este tipo de atividade caracteriza-se pela existência de algum aprendizado por parte dos praticantes; por este motivo é de fundamental importância que quem esteja jogando compreenda os valores e objetivos agregados às atividades. Quando realizados desta forma, é possível afirmar que este tipo de jogofavorece o processo de inclusão, já que todos podem jogar, sem que haja pré-requisitos centrados em parâmetros clínicos ou orgânicos. Dessa forma, é necessário atentar para o fato de que, se ao propor atividades houver algum impedimento para a participação de qualquer um dos estudantes, ela não se caracteriza como uma atividade cooperativa, mesmo que seus objetivos assim se assemelhem.

Em síntese, os discursos dos alunos em relação às atividades propostas nas aulas de Educação Física indicam que a prática jogos cooperativos em turmas que possuem alunos com necessidades educacionais especiais, quaisquer que sejam, é uma alternativa viável e que favorece o processo de inclusão destes alunos na medida em que possibilitam a atuação de todos de forma divertida e estimulante, sentidas e vividas pelos alunos sem que haja reforço de rótulos e concepções historicamente construídas a respeito das deficiências. Tais atividades devem, portanto, ser propostas de forma a encontrar soluções de um bem comum e a mudança interior de cada aluno. Nesta direção, a prática dessas atividades pode ainda ser capaz de deslocar e reformular tais discursos, favorecendo o respeito às diferenças, tanto por parte dos alunos que não possuem diagnóstico quanto por parte dos professores e demais membros da comunidade escolar, que tradicionalmente não possuem formação crítica para lidar com as diferenças,

Ainda seguindo na linha da pedagogia da cooperação, foram propostas também como práticas pedagógicas que poderiam auxiliar no processo de inclusão, as danças circulares sagradas. Sobre essas danças, que são de diversas partes do mundo, Wosien (2000, p. 8) explica que

A dança de roda, como é transmitida até hoje no folclore, é uma riqueza cultural das mais antigas do ocidente. Até os primeiros séculos da era cristã estava inserida nas práticas religiosas e na vida em comunidade; à margem da história cultural e espiritual, ela se manteve viva até os tempos modernos. Esta tradição, em sua grande multiplicidade, permite, ainda hoje, uma oferta inesgotável para os esforços na vida religiosa e na prática pedagógica e terapêutica, de encontrar as bases de uma comunhão plena de sentido.

As danças circulares sagradas têm o objetivo de se conectar com o íntimo de cada um. Quando os alunos estão de mãos dadas, há uma conexão de “corpo e mente”, que é expressa nos movimentos ritmados. As danças circulares são uma grande demonstração do sentido de inclusão, pois cada componente que está dançando em círculo depende dos outros. No caso do 6º ano, foco desta pesquisa, a dança se constituía em uma atividade nova e o que observamos com os anos de prática é que geralmente, quando o professor propõe uma atividade nova, há uma certa desconfiança do aluno pelo que não a conhece. Na primeira vez que foi proposta uma atividade com dança circular, não foi diferente, como mostram os discursos de **AL6** e **AL9**:

A primeira vez que ouvi a música eu pensava que seria ridículo, mas achei muito legal (**AL6**).

Para saber se a dança é boa, tem que experimentar primeiro, antes de falar mal (**AL9**).

Após o conhecimento da atividade, pôde-se observar mudança nos discursos dos alunos. **AL3**, **AL4** e **AL11** assim disseram:

Legal que a gente aprende novas música e novos passos. A gente aprende a interagir com os outros (**AL3**).

Se distrai, a gente aprende que não pode excluir ninguém a gente dança com todo mundo (**AL4**).

A gente não dança só com uma pessoa a gente dança com todo mundo (**AL11**).

Conforme apontam os relatos acima, a dança foi uma nova forma de os alunos interagirem, contribuindo com o bem-estar e inclusão de todos em sala de aula. As manifestações desses alunos nos remetem a Jaime e Fausto (2009, p. 7), que afirmam que

O que nos encanta nas Danças é a forma de dançar. Os passos são dos mais simples aos mais elaborados, mas o enfoque nas Danças Circulares Sagradas não é a técnica, e sim o sentimento de união e de grupo. O espírito comunitário que se instala a partir do momento em que todos, de mãos dadas, apoiam e auxiliam os companheiros é muito grande e intenso.

Como esta foi uma prática bem aceita pela turma, tornou-se frequente durante as aulas de Educação Física, e com esta prática puderam ser percebidas mudanças de comportamentos e atitudes dos estudantes em sala de aula

Com essas danças a gente aprende a dançar com aquela pessoa que não temos amizade, que achamos diferente, que a gente não gosta, aí a gente acha que nunca vai dançar com aquela pessoa que achamos chata, daí acaba dançando e começa a se divertir com ela (AL7).

Através desta manifestação o aluno afirma que passou a ter uma nova visão dos seus colegas de turma. Para ele, a dança ajudou na interação com outros alunos que não faziam parte de seu convívio direto. Também afirma que antes não tinha contato com determinados alunos simplesmente por não gostar da pessoa e, por fim, acabou se divertindo com quem ele considerava “chato”. Baseado nesta fala, pode-se inferir que a prática das danças circulares - que tem dentre seus objetivos proporcionar a interação social, juntar quem está distante, formar um grupo em que todos interajam, e no qual todos se reconheçam como indivíduos importantes e pertencentes ao grupo - favorece a inclusão a medida que possibilita o convívio harmonioso entre os alunos. Assim, nas danças circulares, à medida que sujeitos pertencentes aos diferentes grupos, que inicialmente não compartilham as mesmas ideias e atitudes, têm a possibilidade de dançarem juntos e passar a conhecer e respeitar o outro, a convivência torna-se sadia e prazerosa. Para isto, há de ser considerada primordialmente a ideia de que “se não houver cooperação, união e a participação de todos não há dança; só vão rodar se todos

forem para o mesmo lado. É um jogo impossível de se jogar sozinho” (BERNI, 2002, p. 5).

Ainda a respeito das danças circulares, pôde-se constatar as seguintes falas:

É legal que a gente aprende com o AL1, quando tem que fazer aquela parte de pular ele abre a perna, a gente tem que ensinar como ele tem que fazer, é a mesma coisa com as outras pessoas, não tem que tá xingando ninguém (AL3).

Danço com todo mundo, a música é muito bonita e eu gosto muito, tem que ter paciência [...] Gosto muito da dança, danço até cansar (AL1).

Como foi dito anteriormente, a dança circular promove a interação entre os alunos, e além disto, possibilita que uns aprendam com os outros. Em seu relato, AL1, que tem deficiência intelectual, ao mesmo tempo em que expressou que “*Danço com todo mundo [...] e eu gosto muito [...]*”, sugerindo que interage com todos os colegas e que sente satisfação e prazer em dançar, relatou que “[...] *tem que ter paciência [...]*”, levando-nos a refletir que, mesmo de maneira possa estar “pedindo” que os colegas tenham paciência com ele na dança, em razão das suas dificuldades.

AL3, por sua vez, ao mencionar que “[...] *a gente aprende com o AL1[...]*”, se referindo à participação do aluno com deficiência intelectual nas aulas de danças circulares, nos leva a entender que há uma troca mútua de conhecimento. Isso se configura como o processo de ensino e de aprendizagem em que, quando estamos ensinando, estamos aprendendo e, quando aprendemos, passamos a ensinar. Estes discursos encontram fundamento quando consideramos a afirmação de Mantoan (2006) de que a inclusão escolar é o privilégio de conviver e aprender com as diferenças. Mais uma vez consideramos que a realização de atividades físicas lúdicas e prazerosas, que objetivem a interação e não se baseiem em aptidões orgânicas ou em disputas entre os estudantes favorecem as práticas de inclusão escolar. A convivência com as diferenças se torna uma forma de aprendizado, já que os alunos aprendem a lidar com a diversidade, buscando maneiras de se ajudarem e buscarem soluções em conjunto.

Portanto, vivemos em um constante jogo de interdependência no nosso cotidiano, sempre buscando melhorar o nosso dia a dia. O

que importa aqui não é como jogamos, mas o resultado que esperamos das nossas ações, pois vivemos interligados uns com os outros, e a convivência passa a ser um elemento primordial na busca da inclusão escolar. O convívio com a diversidade e com as diferenças sociais, econômicas, físicas, culturais, raciais e de ordem religiosa, ao mesmo tempo em que gera conflitos, contribui para a construção das relações interpessoais, nos obrigando a comparar, descobrir, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos. Assim, esses conflitos tornam-se essenciais para termos uma convivência democrática com todos (ARAÚJO et al., 2007).

Por meio da realização contínuas de atividades que se preocupam em ir além do aspecto físico e tem como eixos norteadores a cooperação, respeito às diferenças e a interação, obteve-se discursos como o apresentado abaixo, emitido pela professora de apoio:

Um dos grandes problemas que eram constatados nessa turma era que eles não podiam se encostar não se davam abraço aperto de mão, se mantém de mãos dadas nem pensar, e sem eles perceberem hoje eles tão fazendo tudo isso, ficam de mãos dadas [...] talvez para eles seja só uma dança, o que vem por traz o fato de ter a proximidade com as pessoas que eles acabam excluído, aquele que não vem tão bem vestido isso tem acabado, e acho que eles não tão se dando conta [...] ele não tem mais o problemas em sentar junto de quem antes eles não sentavam, eles não tem mais dificuldades em fazer trabalho em grupos, que não seja aquela panelinha, talvez ele nem percebam o benefício que as danças trouxeram para eles (SP).

Assim, pode-se afirmar que as atividades com danças circulares, planejadas com o propósito de encontrar soluções de um bem comum e a mudança interior de cada aluno, trouxeram benefícios para a turma do 6º ano, em termos de afetividade, interação social, socialização dos trabalhos em grupos, tendo havido progressos nas exclusões das chamadas “panelinhas” em sala de aula, como também na aceitação de cada um dos alunos. Os discursos apresentados sobre a dança, tanto dos alunos quanto da professora de apoio, indicam de que as danças circulares contribuíram com a inclusão tanto dos alunos com deficiência intelectual quanto dos demais que não faziam parte das “panelinhas” e que, portanto, eram excluídos.

O discurso dos alunos e da professora de apoio em relação às práticas pedagógicas nos levou ao entendimento de que, por meio dos jogos cooperativos e danças circulares, o sentido de inclusão ficou mais claro, pois parecem ter apreendido que os jogos cooperativos estão diretamente ligados à inclusão, visto que todos têm que participar, e que, se todos não participarem, não haverá jogo cooperativo. Por meio da pedagogia da cooperação, pudemos abrir os olhos dos nossos alunos para questões de companheirismo, ajuda mútua, socialização, se reconhecer perante o grupo e buscar seu lugar nele, como também ideais de cooperativismo e de inclusão.

Ainda com relação às danças circulares, os dizeres de AL1 apontam que igualmente ocorreram mudanças no comportamento dos alunos em relação à amizade: *“Converso na sala de aula, fizeram amizade comigo”*.

A respeito da construção da amizade, que geralmente é um aspecto não considerado ou, pelo menos, ao qual não se atribui grande importância na educação formal, nos ancoramos em Strully e Strully (1999), que se distanciam desta visão e acreditam os professores, precisam, em alguma medida, se esforçar para dar apoio a tais relacionamentos. Para os autores, cabe aos educadores irem além do conteúdo ou, no caso, da prática de exercícios físicos e construir amizades ou pelo menos possibilitar o desenvolvimento de amizade entre os alunos, já que para todas as crianças a amizade é uma das realizações mais importantes que nós, como pais e professores, podemos concretizar. Eles explicam que se “estar junto” significa, por exemplo, sair depois da escola para comer um hambúrguer, simplesmente ficar no pátio da escolar conversando, visitar um amigo em sua casa ou levar alguém para própria casa, as escolas precisam criar as oportunidades para o desenvolvimento de amizade entre pessoas com várias habilidades e características.

As amizades nos protegem de estarmos sós e vulneráveis, garantindo, assim, que nossas vidas sejam mais ricas e plenas. As crianças rotuladas com deficiência, síndromes e transtornos globais do desenvolvimento parecem estar na solidão e isolamento. Então, é preciso esforços para mudar esse quadro, pois sem amigos e amizade não existe inclusão. Segundo Strully e Strully (1999), há algumas estratégias que podemos utilizar para construir amizades. Os autores alertam, porém,

que são apenas estratégias, valendo ressaltar que a amizade é uma questão de química e de “milagre”, mais do que de ciência.

Os autores ainda chamam atenção para o fato de que, a respeito da amizade, algumas questões precisam ser consideradas. Eles explicam, por exemplo, que as amizades vêm e vão, mudam, são imprevisíveis, são ‘livres’ e difíceis de prender e que por isso não se deve as transformar em algo que não são. Para os autores, as “amizades não são simples soluções para os problemas da vida. [...] Nem todas as amizades são saudáveis e boas. Há também as amizades ruins. [...] as amizades estão no cerne de qualquer comunidade, incluindo a comunidade escolar. As amizades são o aspecto mais importante da vida para passar o nosso tempo elaborando, pensando, refletindo, planejando” (STRULLY e STRULLY, p. 176).

O último ponto que relaciona a prática com danças circulares, com a construção da amizade e a inclusão escolar, pode ser analisado com base nas manifestações a seguir, pronunciadas pelos estudantes a respeito da participação dos alunos com deficiência intelectual:

Foi bom pra ele sair do mundinho dele, o **AL1** gosta de dançar (**AL7**).
Primeiro **AL1** era desagradável, agora ele faz tudo, dá a mão certinha, ele sempre está alegre, fala com todo mundo (**AL8**).
Ele está 100% bem mais sociável (**TODOS**).

Estes trechos indicam que as danças circulares, à medida que proporcionaram a construção de amizades antes impensadas, trouxeram mudanças de atitude e comportamento para a turma. Tais mudanças, além de representarem possibilidade de deslocamento de concepções com base nas experiências vivenciadas, e a desconstrução do discurso social e historicamente produzidos que colocam as pessoas com deficiência no lugar de incapaz, certamente participarão do desenvolvimento e formação de tais sujeitos. Para os alunos que não possuem diagnóstico, fica o aprendizado que pessoas com deficiência podem e devem participar das práticas sociais cotidianas, principalmente àquelas vivenciadas na escola. Para os alunos que possuem deficiência intelectual, além da sensação de finalmente pertencer ao grupo, fica a ideia de que também são capazes, o que pode inclusive, auxiliá-los na superação de outras dificuldades escolares e sociais. Por fim, para os

profissionais que atuam junto à educação fica a possibilidade de romper com a lógica tradicional de ensino verticalizado e propor atividades que permitam a participação de todos, fazendo com que a escola cumpra seu papel de, mais do que repassar conteúdos, educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que são muitos os desafios impostos à Educação Inclusiva. Na área da Educação Física Escolar, estes desafios também estão presentes no cotidiano daqueles que repentinamente se colocam como professores de alunos com necessidades educacionais especiais. Na realidade educacional brasileira, muitas vezes a inclusão escolar acaba sendo reduzida à matrícula no ensino regular, à frequência nas aulas que são oferecidas para a turma em que o aluno está inserido. No entanto, a nosso ver, para que o aluno seja considerado incluído, essa frequência tem que ser de forma ativa e participativa. Afinal, a escola inclusiva tem o dever de fazer com que os alunos participem efetivamente de todas as atividades escolares propostas pelo professor, a ele cabendo, por sua vez, a responsabilidade de incluir os alunos na sua prática escolar diária, sendo possível, para isso, lançar mão de diferentes metodologias a fim de atender a todas as diferenças existentes em sua turma. Nesse sentido, esta pesquisa aponta metodologias viáveis e eficazes para a prática da educação física escolar na perspectiva da educação inclusiva as danças circulares e os jogos cooperativos.

As aulas pautadas nos jogos cooperativos e nas danças circulares possibilitaram, dentre outros aspectos, a união da turma e a participação dos alunos com deficiência intelectual, que anteriormente ficavam sob a responsabilidade da segunda professora. Por este motivo, apesar de considerar a importância desta profissional em sala de aula, aponta-se aqui a necessidade de se repensar sua atuação na prática para que mais uma vez não se vivenciem práticas de segregação dentro das escolas que se pretendem inclusivas.

Com base nos discursos coletados, entendemos também que tais práticas possibilitaram a afetividade, trabalho em grupo, a amizade e a convivência mais próxima entre os alunos da turma. A dança circular foi uma prática pedagógica que contribuiu com a possibilidade de

inclusão escolar dos alunos com deficiência intelectual e dos demais alunos; ajudou na socialização de quem era antissocial, na autoestima, na confiança entre os alunos; e pôs um fim no medo de se relacionar com outras pessoas, dando abertura para a formação de amizades e a inclusão de todos.

Consideramos que a maior contribuição desta pesquisa esteja no fato de que, por meio dos discursos dos sujeitos, foi possível compreender que incluir e ser incluído são uma questão de atitude, cabendo aos professores criarem suas próprias práticas pedagógicas, de acordo com as características dos seus alunos, focando, principalmente, a mediação dessa turma, pensando nos ideais da escola inclusiva. Portanto, o que propomos aqui não é uma fórmula para a inclusão, mas um exemplo de que é possível obter a inclusão total dos alunos quando temos a inclusão no ensino regular como objetivo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses F. et al. **Programa ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: inclusão e exclusão social**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BARRETO, Sidirley de Jesús. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2ª ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BERNI, Luiz Eduardo Valiengo. Danças sagradas: uma técnica de meditação ativa. In: RAMOS, Renata Lima de Carvalho (Org.). **Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura**. 2ª ed. São Paulo: Trion, 2002, p. 57-71.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto-PR: [s.n.], 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996). Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <<http://inclusaoja.com>>.

br/2011/12/09/orientacoes-aos-sistemas-de-ensino-sobre-o-decreto-no-7-6112011-nota-tecnica-no-62-2011-mec-secadi-dpee/>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.

CARMO, Apolônio Abadio do. Inclusão e Educação Física. **Revista integração: Educação Física Adaptada**, Brasília, DF, Ano 14, edição especial/2002.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed. 2010.

JAYME, Denise; FAUSTO, Eliana. **Dançando e cooperando**. Disponível em < <http://www.projetocooperacao.com.br/2009/02/04/danando-e-cooperando/>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Tradução de Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ROPOLI. Edilene Aparecida et.al. **A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar**: a escola comum inclusiva – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.v. 1. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar)

SANTA CATARINA. **Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina**. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina: proposta /Coordenador Sergio Otavio Bassetti. - São José: FCEE, 2006.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2011.

STRULLY, Jeffrey, STRULLY, Cindy. Friendships as an educational goal. In: STAINBACK, W; STAINBACK (Org.). **Inclusão**: um guia para educadores. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 169-189.

WOSIEN, Bernard. **Dança**: um caminho para a totalidade. São Paulo: Ed. Triom, 2000.

